

## Fiocruz e NIH juntos na pesquisa e no combate a arboviroses

*Zika, chikungunya e dengue são debatidos em seminário internacional*

Mônica Mourão, Nathane Dovale e Valéria Farinola

Entre 30 de novembro e 3 de dezembro, Manaus sediou o seminário internacional *Desafios em saúde global e oportunidades de colaboração em pesquisa sobre arbovírus*, promovido pela Fiocruz e pelo Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas (Niaid/NIH), uma das maiores instituições de pesquisa dos Estados Unidos em saúde. Cientistas brasileiros e americanos discutiram os avanços relacionados a diagnóstico, possibilidades terapêuticas e vacinas contra as principais arboviroses existentes no Brasil, em especial dengue, chikungunya e zika. O seminário faz parte de um convênio sobre arboviroses e a Amazônia assinado pela Fundação com o NIH em 2014.

CONTINUA NA PÁGINA 2



PÁG. 6

**Diretor do TDR/ONU: projetos contra doenças tropicais na Fiocruz**



PÁGs. 7 e 9

**Cris promove oficinas de capacitação e cooperação**



PÁG. 11

**Criador do termo Bric, lord Jim O'Neill visita a Fundação**



O coordenador-geral do Cris, Paulo Buss, na abertura do evento

O recente surto de casos de microcefalia associados ao vírus zika no Brasil colocou o arbovírus como uma prioridade de saúde para o país e como uma área em potencial para a pesquisa colaborativa entre brasileiros e americanos. Na declaração que reúne as principais conclusões dos participantes, foram traçados alguns objetivos em relação a esta arbovirose: “aprofundar as relações entre a infecção pelo vírus zika e as anomalias congênitas e neurológicas; melhorar o controle do vetor e a compreensão das patogêneses ligadas ao vírus e desenvolver melhores diagnósticos e tratamentos e vacina contra este agente viral”.

Como ação imediata, os participantes recomendaram a criação de um grupo de trabalho formado por cientistas americanos e brasileiros para trabalhar em pesquisas colaborativas com foco em arbovírus. A ideia é que até 4 de fevereiro o grupo esteja estruturado e parta para a obtenção do financiamento necessário junto às respectivas autoridades de ambas as instituições e países. Como produto das sessões de trabalho decidiu-se ainda criar uma comissão mista para dar continuidade às atividades de cooperação entre as instituições que participaram do seminário.

Para o diretor do Instituto Leônidas e Maria Deane (ILMD/Fiocruz Amazonas), Sérgio Luz, o evento é uma oportunidade para avançar em

projetos estratégicos. “Precisamos entender melhor a transmissão e a patogenicidade das arboviroses para juntos construirmos um resultado eficiente”, explicou. A necessidade de estabelecer uma cooperação científica no conhecimento dos arbovírus também é compartilhada pela assessora de Questões Regionais do Niaid/NIH, Margarita Ossório.

## Estação Rio Pardo

Dentro da programação do seminário, os participantes conheceram a Estação Rio Pardo, do ILMD/Fiocruz Amazonas, onde são desenvolvidas atividades relacionadas a arbovírus há

oito anos. O projeto localiza-se em um assentamento do Incra no município de Presidente Figueiredo (AM), distante 180 quilômetros de Manaus, que abriga cerca de 600 pessoas. As características da comunidade permitem à Fundação realizar um trabalho ímpar. “O fato de ser uma comunidade pequena, com pouco fluxo de pessoas e baseada em uma economia primária, facilita o estudo da transmissão das frequentes doenças infecciosas circulantes na área, como malária, leishmaniose, diarreias agudas e arboviroses”, afirmou Luz. Assim, segundo o diretor, é possível conhecer melhor as relações entre as dinâmicas de transmissão das doenças infecciosas e o processo de modificação das paisagens pelo homem.



O diretor da Fiocruz Amazonas, Sérgio Luz (ao centro), na visita dos pesquisadores a Rio Pardo

# Henry Mintzberg participa do Encontro de Inovação na Gestão Fiocruz

Em conferência para os trabalhadores da Fundação, o renomado escritor e professor canadense explicou como os movimentos e iniciativas sociais podem restaurar o equilíbrio político e econômico no mundo e como esta força pode ser usada nas organizações



Claudia Lima e Danielle Monteiro

Um auditório lotado ouvia atento a explicação de Henry Mintzberg para o atual desequilíbrio político e econômico no mundo e as alternativas para vencê-lo. O professor da McGill University, no Canadá, e autor de importantes obras na área de administração foi o conferencista da abertura do Encontro de Inovação na Gestão Fiocruz. O evento para profissionais da área de gestão aconteceu de 5 a 8 de outubro, no auditório do Museu da Vida, no *campus* de Manguinhos.

Para o professor, a origem do atual contexto iniciou-se com a queda do Muro de Berlim, em 1989. O dito triunfo do capitalismo sobre o socialismo e a incorporação deste modelo de mercado como paradigma social levou ao atual desequilíbrio. “Nos Estados Unidos, por exemplo, antes dos anos 1980 havia um fantástico crescimento econômico e boa distribuição de renda. Hoje,

naquele país, há uma distribuição desigual de renda, altas taxas de impostos, fraca mobilização social, entre outros graves problemas”, apontou.

A solução, segundo Mintzberg, depende de uma mudança de perspectiva da análise da crise social. “É necessário que a visão dualista esquerda *versus* direita dê lugar ao setor plural”, explica o professor. Tido como um terceiro pilar da sociedade - ao lado dos setores público e privado, o setor plural é constituído por movimentos e iniciativas sociais, comunidades, Terceiro Setor, entre outras organizações do tipo. “Para vencer o atual desequilíbrio mundial, são necessários setores privados responsáveis, setores públicos respeitáveis e setores plurais fortes”, explica ele.

A participação social em prol do restabelecimento do equilíbrio no mundo também é valorizada na esfera organizacional. Para isso, é necessário substituir o atual modelo heroico de liderança, no qual os dirigentes estão

longe daqueles que de fato produzem o produto, por uma gestão engajada. “Nesse modelo de gestão, a organização é uma rede interativa, constituída por pessoas engajadas que resolvem pequenos problemas e encontram soluções que se tornam grandes estratégias de liderança. A liderança passa a ser uma confiança sagrada conquistada por meio do respeito de outras pessoas”, defendeu.

O professor citou a Fiocruz como exemplo de instituição que valoriza a inovação e o modelo de gerenciamento engajado. E o Brasil, para ele, é um exemplo de país em que há um equilíbrio entre os setores privado, público e plural. “O Brasil tem um setor plural muito forte e seria uma pena se isso se perdesse por conta da atual crise pela qual o país está passando”, concluiu.

Mintzberg destacou ainda a atuação do setor plural brasileiro no reequilíbrio mundial através do Programa Anti-Aids, um modelo para outros países no combate à doença. “Esse tipo

de ação mostra que não dependemos exclusivamente das empresas farmacêuticas para produzir medicamentos e que podemos contar com a ajuda do setor plural na busca por soluções estratégicas”, disse.

A vice-presidente de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz, Nísia Trindade de Lima, saudou os participantes e discursou em nome de todos os vice-presidentes presentes à mesa de abertura – Pedro Barbosa (Gestão e Desenvolvimento Institucional), Valcler Rangel (Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde) e Rodrigo Stabeli (Pesquisa e Laboratórios de Referência). Em seguida, Barbosa, que coordenou o evento, salientou o papel de Henry Mintzberg como pensador do campo da estratégia, da gestão empresarial e das instituições.

“O professor tem tratado, mais recentemente, do quanto o campo da gestão, que olha para dentro das organizações, não está imune ao campo mais geral do desenvolvimento da sociedade e do desenvolvimento dos

modelos - que submetem muitas sociedades a crises, em particular modelos que não priorizam a produção, o desenvolvimento e, muitas vezes, muito auto referido às lógicas financeiras”, detalhou Barbosa.

**Para vencer o atual desequilíbrio mundial, são necessários setores privados responsáveis, setores públicos respeitáveis e setores plurais fortes**

Barbosa acrescentou ainda que o seminário é um momento de reflexão dos desafios e avanços da Fiocruz enquanto instituição estratégica do Estado. “E não apenas na perspectiva da sua eficiência e da sua eficácia, mas de seu posicionamento na sociedade

e no Estado, contribuindo para que eles sejam mais democráticos e inclusivos; para que nosso modelo de desenvolvimento esteja centrado na perspectiva da justiça, da superação da desigualdade, e no aprimoramento das nossas forças produtivas, superando paradigmas que só tenham o sentido da concentração de renda e do ganho financeiro”, discursou o vice-presidente.

O Encontro de Inovação na Gestão Fiocruz integra um conjunto de iniciativas adotadas pela Presidência, como o Programa de Desenvolvimento Gerencial (PDG), que tem como proposta oferecer ações de educação formal e não formal, em um ciclo contínuo e permanente para o desenvolvimento das competências gerenciais requeridas pela Instituição; o curso de Desenvolvimento de Competências Gerenciais (Fundação Dom Cabral); o Mestrado em Política e Gestão de C&T em Saúde (Ensp); a Especialização em Gestão em Organizações de C&T em Saúde (Ensp); e o Mestrado em Administração Pública (FGV).

## CRISINFORMA #21

DEZEMBRO DE 2015

### Expediente

Coordenadoria de Comunicação Social (CCS/Fiocruz)

**Edição e redação:** CCS/Fiocruz, com apoio da Coordenação de Informação e Comunicação do Cris/Fiocruz

**Projeto gráfico e edição de arte:**  
Guto Mesquita e Rodrigo Carvalho

**Fotografia:**  
Peter Illiciev e Arquivo CCS

**Contato:**  
Tel: (21) 2270-5343  
E-mail: [ccs@fiocruz.br](mailto:ccs@fiocruz.br)



# Ganhador do Nobel de Medicina fala sobre sua descoberta na Fundação

Danielle Monteiro e Anna Carolina Düppre (Olimpiada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente/Fiocruz)

**A** pesar da introdução dos antibióticos há mais de 70 anos, doenças infecciosas continuam sendo uma das maiores causas de morte no mundo. Com o aumento da resistência a estes medicamentos, a mortalidade ligada a infecções pode crescer significativamente no futuro. Por isto, a descoberta de Bruce Beutler, ganhador do Nobel de Medicina em 2011, é tão importante: o pesquisador encontrou a chave de ativação do sistema imunológico humano. Em outubro, Beutler ministrou palestra na Fiocruz sobre a relevância de seu achado científico.

Em sua pesquisa, o professor identificou proteínas que reconhecem os micro-organismos invasores e ativam o sistema de defesa do corpo humano. Através de uma abordagem inovadora em ratos, foi desenvolvida uma estratégia de mapeamento genético automatizado capaz de identificar em tempo real mutações que prejudicam o sistema imunológico.

Beutler e sua equipe descobriram uma família de dez receptores que alertam nosso sistema imunológico sobre a infecção por bactérias logo nos primeiros minutos do contato com os micro-organismos. Chamados de TLR (Toll-like receptor), cada um deles reconhece algo bem diferente em relação ao invasor e as “assinaturas” da infecção. A descoberta permite aprofundar o entendimento sobre os mecanismos da imunidade e inaugura diversas possibilidades, como a produção de vacinas e medicamentos.

“Agora que conhecemos os receptores, é uma questão de tempo até que olhemos o sistema imunológico mecanicamente, ou seja, como uma pequena máquina interagindo como engrenagens, porque é isso que realmente ele é”, vislumbra o pesquisador. O objetivo é identificar a maioria dos componentes da “máquina” que nos protege contra micróbios.

O Nobel acredita, inclusive, que o achado pode levar a aplicações no campo de doenças infecciosas como malá-

## Perfil

**Bruce A. Beutler** nasceu em 1957, em Chicago. É professor de genética e imunologia no Instituto de Pesquisa Scripps, na cidade de La Jolla, nos Estados Unidos. Atualmente, Beutler continua com seu trabalho como professor regente e diretor do Center for Genetics of Host Defense na UT Southwestern Medical Center em Dallas, EUA.

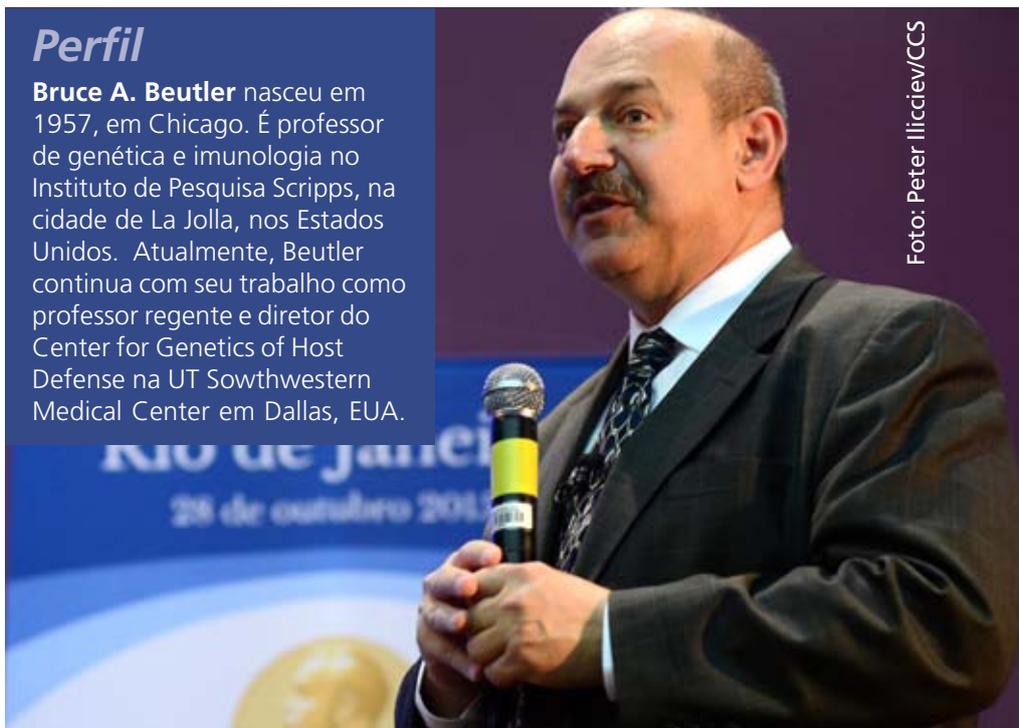


Foto: Peter Illiciev/CCS

ria e dengue. “Essas doenças são muito desafiantes no que diz respeito ao desenvolvimento de vacinas. Em relação à dengue, uma das vacinas experimentada fez a doença piorar. No caso da malária, ela é resistente a todas as tentativas de restabelecer o sistema imunológico. Isso não quer dizer que é impossível, mas, claramente, é difícil. E requer alguns ‘truques’ que nós simplesmente não conhecemos até agora. Nossa descoberta poderia ser aplicada nessas doenças e, talvez, em outras”, aposta Beutler.

## Beutler destaca papel da Fiocruz e do Brasil

O professor ressaltou a importância da Fiocruz no estudo das doenças tropicais. “A Fundação está no epicentro de várias doenças muito raras na América do Norte. É mais fácil entender sobre elas, como se desenvolvem, como tratá-las e suas características. Pode-se dizer que isso é muito oportuno; aposto que os estudantes da medicina aqui têm contato com aspectos da medicina não tão acessíveis na maioria dos outros países do mundo”, arrisca ele.

Beutler aponta ainda a capacidade de impacto do Brasil no cenário global da pesquisa: “Entendo que o Brasil

tem um grande papel a desempenhar. O país é o quinto maior do mundo em território e população e destina muitos recursos para a educação. Sei que cada país tem um conjunto de problemas, mas o Brasil tem várias vantagens também. Estar próximo da ocorrência de uma série de doenças infecciosas, ter acesso direto ao problema deveria ser visto como oportunidade. O Brasil é um país já bastante desenvolvido que pode estar na liderança em pesquisas sobre a malária, por exemplo”.

O vice-presidente de Produção e Inovação em Saúde da Fiocruz, Jorge Bermudez, destacou a importância do evento. “Para a Fundação, é motivo de grande satisfação receber a visita do Prêmio Nobel Bruce Beutler. Por sua carreira, seus estudos e suas descobertas na área da imunologia – setor em que a Fiocruz também atua, a presença de Beutler e o diálogo que mantemos com ele será, sem dúvida, de imensa valia para conhecermos mais detalhadamente a sua trajetória e trocarmos experiências. Trata-se de um cientista renomado, que também recebeu os prêmios Shaw e Balzan. E, assim, a Fiocruz mais uma vez reforça o seu papel de interlocutora junto aos pesquisadores de ponta em todo o mundo”, afirma.

# Diretor de Programa em Doenças Tropicais da ONU visita Manguinhos



John Reeder e Paulo Gadelha no Castelo Mourisco (foto: Peter Illiciev/CCS)

Mônica Mourão

**N**a última semana de novembro, o diretor do Programa Especial para Pesquisa e Treinamento em Doenças Tropicais (TDR) da Organização das Nações Unidas (ONU), John Reeder, visitou o *campus* de Manguinhos, no Rio de Janeiro, com o objetivo de conhecer os projetos da Fiocruz relacionados ao combate a doenças ligadas à pobreza e prospectar parcerias de colaboração científica na área.

Reeder apresentou o planejamento estratégico do TDR 2012-2017, destacando a necessidade de se reduzir a lacuna entre pesquisa e inovação e

aplicação das descobertas, bem como do uso de critérios consistentes para o direcionamento dos recursos do Programa. O diretor apontou a pesquisa como uma das atividades essenciais do TDR e, conseqüentemente, a importância de ações de capacitação dentro do Programa. Reeder explicou também que o programa tem privilegiado a atuação de pesquisadores e implementadores de saúde pública em seus próprios países. O objetivo é assegurar a fixação do conhecimento no local onde se necessita dele, em especial nas regiões mais pobres e remotas.

Com base nos direcionamentos estratégicos apontados pelo TDR, a Fiocruz sugeriu ações para concretizar a parceria. O foco concentra-se nas ações de treinamento e capacitação. “Dentre as discussões preliminares apontamos a possibilidade de realização de cursos rápidos e/ou cursos de verão com a chancela TDR e Fiocruz em Cali (Colômbia), local em que o programa possui um centro regional de treinamento. A Fundação poderá também oferecer treinamentos na África para formação de mestres, visando os países falantes de língua portuguesa do continente, a partir de sua experiência de cooperação com

o Instituto Nacional de Saúde em Moçambique. Pensamos ainda em formatar workshops em áreas em que possuímos expertise como mudanças climáticas e saúde. Também avaliamos oferecer cursos que permitam a translação de conhecimento básico e aplicado para a implementação e a operacionalização de políticas públicas para doenças negligenciadas”, explicou o coordenador adjunto de pós-graduação da Vice-Presidência de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz, Milton Moraes.

## Parceria de longa data

A colaboração entre a Fiocruz e o TDR data do nascimento do programa, nos anos 1980, e foi decisiva para o surgimento e a modernização de diversas áreas da ciência brasileira, em especial na Fundação. O programa está hospedado na ONU e é patrocinado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD), pelo Banco Mundial e pela própria ONU.

## Fiocruz recebe ministra da Saúde da França



A ministra de Assuntos Sociais, Saúde e Direitos das Mulheres da França, Marisol Touraine, visitou o Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) durante missão de dois dias ao Brasil. A agenda da ministra no país também incluiu o lançamento do Comitê Franco-Brasileiro de Saúde e uma reunião com a Presidência da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Escolhido para a visita, o Laboratório de Pesquisa sobre o Timo do IOC integra o Laboratório Internacional Associado sobre Terapia Celular e Imunoterapia, uma estrutura de pesquisa binacional que une cientistas brasileiros e franceses. Fundado há cinco anos, o la-

boratório internacional tem atividades no Instituto e na universidade francesa Pierre e Marie Curie (UPMC). A coordenação é compartilhada pelo imunologista Wilson Savino, atual diretor do IOC, e pela pesquisadora da UPMC Gillian Butler Browne. O laboratório internacional conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Brasil e do Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica (Inserm) da França. Além do desenvolvimento de estudos em conjunto, a parceria entre Fiocruz, CNPq, Inserm e UPMC incentiva o intercâmbio de estudantes e pesquisadores.

# Opas e Fiocruz: cooperação em saúde nas Américas



Felix Rozenberg, Alberto Kleiman e Paulo Buss na abertura do evento, que contou com a participação de representantes de 27 países americanos. Na foto à direita, os participantes nas escadarias do Palácio Itaboraí (fotos: Luiz Pistone)

Ricardo Valverde

O Palácio Itaboraí, em Petrópolis, na Região Serrana do Rio de Janeiro, sediou no fim de novembro uma oficina do Programa de Fortalecimento da Cooperação para o Desenvolvimento Sanitário. O evento, instituído pela Organização Pan-Americana de Saúde (Opas), foi organizado pelo Cris/Fiocruz e reuniu 34 participantes de 27 países das Américas. Durante quatro dias eles discutiram a promoção do fortalecimento de capacidades entre os escritórios de relações internacionais dos ministérios de Saúde do continente. A iniciativa foi lançada pela Opas em março, no Panamá, e teve agora sua primeira reunião presencial. “As Américas saem de um encontro como este melhor preparadas para os desafios da saúde global”, afirmou o coordenador-geral do Cris, Paulo Buss.

“Estamos convencidos do êxito do projeto tendo em vista o grande número de participantes. Uma presença significativa, que permite uma fértil reflexão intelectual conjunta e de troca de ideias entre os representantes, tendo em vista a realidade de cada país, em um ambiente de liberdade. Não há países maiores ou menores. E assim ampliaremos o intercâmbio”, disse o diretor do Departamento de Re-

lações Externas da Opas, Alberto Kleiman, ressaltando que o próximo encontro presencial do grupo provavelmente ocorrerá em maio de 2016. Antes, haverá reuniões virtuais, entre dezembro e maio.

A reunião teve como objetivos principais analisar a situação sanitária de cada país; facilitar as estratégias para fortalecer capacidades; e estruturar a cooperação em saúde. Sempre com mérito de avaliar experiências, com a colaboração de todos os envolvidos. O encontro teve sete módulos: Diplomacia e Cooperação em Saúde: Desenvolvimento Conceitual, Saúde Global: Grandes Desafios Contemporâneos, Desenvolvimento e Saúde: Governança da Saúde Global e Regional (1 e 2), Saúde no Processo de Integração Regional e Sub-regional das Américas, Cooperação e Cooperação em Saúde nas Políticas Externas dos países das Américas e Fortalecimento e Desenvolvimento Institucional das Oficinas de Relações Internacionais em Saúde (Oris). Os participantes foram divididos nos grupos América do Sul (10 membros), América Central e México (9 membros) e Caribe e América do Norte (16 membros).

No total foram 140 horas de oficina (80 presenciais e 60 virtuais). O encontro virtual ocorreu no início de novembro e serviu também como preparação para

a reunião de Petrópolis. A partir do que foi debatido e apresentando no Palácio Itaboraí, o grupo fará a análise e a descrição dos perfis das Oris, seguindo metodologia previamente acertada com a coordenação e validada por consenso.

Para Sebastián Tobar, coordenador da iniciativa pela Fiocruz, “é fundamental trabalharmos em rede para melhorar e ampliar a cooperação. Os debates são muito ricos e contribuem imensamente para fortalecermos a cooperação, a diplomacia e as relações internacionais em saúde. E desta maneira estamos cumprindo as intenções das Opas, que é incrementar essas relações em nosso continente. Aqui em Petrópolis reunimos os chefes que coordenam esses setores em cada país. Pessoas que ajudam a moldar as políticas do setor, formulam visões, enfim, são figuras-chave nesse processo de cooperação.

Segundo Tobar, a diplomacia da saúde na arena multilateral pode ser considerada um método para alcançar um compromisso e um consenso sobre questões relacionadas à saúde. A diplomacia da saúde é - como é toda a diplomacia - essencialmente um processo político e desempenha um papel cada vez mais importante. “Há questões de saúde que cruzam fronteiras nacionais, que são de natureza planetária e exigem acordos globais para serem resolvidas da melhor maneira”.

# Seminário discute determinantes sociais da saúde na América Latina

Tatiane Vargas (Ensp/Fiocruz)

Com o objetivo de aprofundar os debates sobre os determinantes sociais da saúde, o Centro de Estudos, Políticas e Informação sobre os Determinantes Sociais da Saúde (Cepi-DSS) da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz), em parceria com a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas/OMS) e o Centro de Relacionais Internacionais da Fiocruz (Cris), realizou o *Seminário Internacional Determinantes Sociais da Saúde, Intersetorialidade e Equidade Social* na América Latina, de 16 a 18 de novembro, no auditório do Museu da Vida, em Manguinhos, no Rio de Janeiro.

A cerimônia de abertura contou com a participação da coordenadora do Cepi-DSS, Patrícia Tavares, do gerente da Unidade de Desenvolvimento Sustentável e Saúde Ambiental da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas/OMS), Luiz Augusto Galvão, da representante da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde (SGTES/MS), Isabel Maria Vilas Boas Senra, do diretor da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz), Hermano Castro, do coordenador do Centro de Relações Internacionais da Fiocruz (Cris/Fiocruz), Paulo Buss, da representante da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (Flacso/Chile), Orielle Solar, e do coordenador do Centro de Estudo, Pesquisa e Documentação em Cidades Saudáveis (Cepedoc/USP), Marco Akerman.

De acordo com a coordenadora do Cepi-DSS, ao longo de diversos encontros nacionais e internacionais nos últimos anos, duas questões assumiram grande importância no debate sobre os determinantes sociais da saúde: a intersetorialidade e a governança, que devem ser utilizadas como estratégia para o enfrentamento de iniquidades em saúde. “À necessidade de compreensão e apropriação das proposições internacionalmente formuladas, se soma a necessidade de investimento no aprofundamento de cada realidade regional, nacional ou local para a consolidação de agendas próprias e comuns, territorialmente contextualizadas e emergentes da diversidade de situações existentes em cada um de nossos países”, explicou Patrícia Tavares.

Em sua apresentação, o coordenador-geral do Cris, Paulo Buss, lembrou que a 1ª Conferência Mundial de Determinantes Sociais da Saúde (CMDSS), promovida em 2011, no Rio de Janeiro, foi realizada em um momento importante, pois a crise econômica havia se originado nos circuitos centrais do mundo. “Temos que discutir não apenas o impacto do que seriam os determinantes sociais em sociedades isoladas e sim dentro de um amplo quadro de dominação. Esse seminário traz opções econômicas, sociais e, principalmente, políticas para a construção de uma sociedade mais humana e equitativa. A expectativa é que o Centro de Estudos, Políticas e Informação sobre Determinantes Sociais da Saúde retire daqui um posicionamento do tema dos DSS e alternativas capazes de fortalecê-los”, defendeu Buss.

## Mia Couto



O escritor no Museu da Vida

Convidado especial da abertura do evento, o escritor moçambicano e biólogo Mia Couto contou que as pessoas sempre o questionam sobre como consegue compatibilizar biologia e literatura com ciência e poesia. Para ele, não há essa espécie de dicotomia. De acordo com Mia Couto, “somos feitos de histórias assim como somos feitos de células”. Ao falar sobre sua escolha pela biologia, Couto admitiu que ela o deu uma espécie de renovada aptidão para estar despido de certezas. Segundo o escritor, ele não está na biologia à procura de certezas, e sim de interrogações.

“Eu quero renovar esse encontro com o enigma, com o lado do mistério e, acima de tudo, quero aprender outras linguagens. Hoje acho que percebo na fala de uma ave a fala daqueles

que não falam. A ciência biológica me devolveu uma coisa fundamental para que eu tenha saúde. Afinal, estamos aqui falando de saúde. Para eu saber o meu tamanho é importante saber que eu só existo sendo outro, e sendo parte de algo bem maior. Eu, que construo histórias, me encontrei em um ‘eu próprio’, dentro de uma história que é a mais bela possível, a história da vida, a história do porque estamos aqui”, constatou o escritor.

## Desenvolvimento territorial

A relação entre saúde e desenvolvimento territorial foi tema da mesa-redonda moderada pela coordenadora de mestrados profissionais da Capes, Eduarda Cesse, com a participação do diretor da Ensp/Fiocruz, Hermano Castro, do pesquisador da Fiocruz Bahia Maurício Barreto, do professor da Universidade de Contestado Valdir Dallabrida, das pesquisadoras do Ifakara Health Institute, da Tanzânia, Eveline Geubbel e Masuma Mandami, e do representante do Observatório de Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Boccaina, Wagner do Nascimento. O encontro debateu questões como a omissão dos determinantes sociais da saúde nas políticas de saúde, o conceito de território, as invasões e danos no contexto territorial, além de apresentar experiências exitosas no âmbito da saúde internacional.

Hermano Castro abordou em sua fala os danos no contexto territorial, causados principalmente pelos grandes empreendimentos. Segundo ele, o crescimento populacional humano, a globalização e o livre comércio intercontinental são alguns dos fenômenos que fortalecem os mecanismos de introdução de modelos desenvolvimentista com grandes ameaças locais, regionais e globais. Castro citou, por exemplo, a evolução da dengue nas Américas. Enquanto no século 20 apenas cinco países apresentavam casos da doença, atualmente, no século 21, aproximadamente trinta países contam com este problema. Outro exemplo apresentado foram as emissões de carbono brasileiras provenientes 30% da queima de combustíveis fósseis e 70% pela mudança de uso do solo.

# CTCI e Cris iniciam programa de capacitação



Mônica Mourão

O Centro de Relações Internacionais em Saúde (Cris/Fiocruz) realizou em outubro dois módulos de uma oficina de capacitação para os trabalhadores que atuam em atividades internacionais na Fundação. O programa, que é formado por sete módulos, surgiu de uma recomendação da Câmara Técnica de Cooperação Internacional (CTCI/Fiocruz) de ampliar as oportunidades de

capacitação na área de cooperação internacional e saúde para o público interno. Foram discutidos temas ligados à diplomacia e à cooperação em saúde e aos desafios contemporâneos da saúde global. Além dos encontros presenciais, os participantes contam com uma comunidade virtual para compartilhamento de textos e materiais, troca de experiências e continuidade dos debates. Os demais módulos do programa serão

ministrados no primeiro semestre de 2016.

Esta etapa da capacitação ocorreu em dois dias. No primeiro (22/10), o foco das discussões centrou-se na diplomacia e cooperação em saúde. Após a abertura e a apresentação do programa, a professora da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz) Celia Almeida trouxe reflexões sobre saúde global, diplomacia da saúde e cooperação internacional. Em seguida, o coordenador do Cris/

Fiocruz, Paulo Buss, tratou do tema cooperação sul-sul e cooperação estruturante em saúde.

No dia 23, desafios contemporâneos da saúde global foram tema das discussões. Pela manhã, o professor da Fiocruz Bahia e da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Maurício Barreto abordou os problemas de saúde e as crises sanitárias internacionais. Em seguida, o vice-presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Química Fina, Biotecnologia e suas Especialidades (Abifina), ex-secretário-geral do Ministério da Saúde e ex-vice-presidente da Fiocruz, Reinaldo Guimarães, discutiu sobre os desafios globais para pesquisa e C&T em saúde. À tarde houve uma mesa sobre desafios para os sistemas de saúde composta pelas professoras da Ensp Celia Almeida e Lígia Giovanello e o assessor do Cris para a cooperação com países da África e Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), Augusto Paulo Silva. Todas as mesas e conferências foram seguidas de debates e contribuições dos participantes.

## Fiocruz faz parceria inédita com instituição holandesa

Danielle Monteiro

Pela primeira vez em seu histórico de cooperação a Fiocruz vai firmar parceria com uma instituição da Holanda. O anúncio foi feito em outubro, durante visita da professora do Departamento de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Leiden, Marianne Wiesebron, à Fundação. O acordo, que deve ser assinado em março do ano que vem, vai contemplar o intercâmbio de estudantes e professores e o desenvolvimento de pesquisas conjuntas entre pesquisadores das duas instituições.

Condecorada pelo governo brasileiro com a ordem do Rio Branco por sua contribuição cultural para a história dos Países Baixos no Brasil, Marianne contou que a ideia é desenvolver ações nos campos de medicina, farmacologia, história da ciência e da saúde, ciência da computação e visualização de estruturas biológicas. "A Fiocruz é uma instituição respeitada na área da saúde e ciência além de ser uma parceira óbvio

para a Universidade de Leiden. Podemos estabelecer uma cooperação muito ampla, que será proveitosa para ambas instituições", afirmou.

A relação entre a universidade e a Fiocruz começou em 2013, com a seleção do biólogo e cientista da computação Fons Verbeek para o Programa de Pesquisa Translacional do Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde (CDTS/Fiocruz). Colaborador em projetos de pesquisa no Instituto Leiden de Ciências Avançadas da Computação, Verbeek sugeriu a parceria com a universidade. "Ele tem muitas colaborações com instituições universitárias brasileiras. Para a Fiocruz, a cooperação será muito interessante, principalmente para a área de pesquisas", disse o diretor do CDTS, Carlos Morel. Está sendo desenvolvido um memorando de entendimento e serão definidas as áreas de colaboração entre as duas instituições.

Fundada em 1575, a Universidade de Leiden é a mais antiga universidade dos Países Baixos. Ganhou especial notoriedade durante o Século de Ouro

dos Países Baixos, período compreendido entre 1584 e 1702, quando acadêmicos de toda a Europa foram



atraídos para a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos devido ao seu clima de tolerância intelectual e à reputação internacional da instituição. Durante o período, foi a base de figuras como René Descartes, Rembrandt, Hugo Grotius e Baruch Spinoza. Membro do Grupo Coimbra, do Europaeum e da Liga das Universidades de Pesquisa Europeia, a universidade possui seis faculdades e mais de 50 departamentos. Classificada pelo Times Higher Education World University Rankings como a melhor da Europa Continental na área das artes e humanidades, contempla mais de 40 institutos de pesquisa nacionais e internacionais.



Augusto Paulo, José Roberto Ferreira e Zulmira Hartz em reunião no Cris

## Uma década de parceria



Mônica Mourão

**E**m novembro, a subdiretora do Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa (IHMT), Zulmira Hartz, visitou o Centro de Relações Internacionais em Saúde (Cris/Fiocruz) para iniciar o planejamento das atividades em comemoração à primeira década de parceria do Instituto com a Fundação. Zulmira reuniu-se com coordenador técnico, José Roberto Ferreira, e o responsável pelos assuntos relativos aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop) do Cris, Au-

gusto Paulo da Silva. Entre as propostas destacou-se a ampliação da parceria através de uma aliança multilateral entre França, Portugal e Brasil envolvendo esses países nas áreas de doenças tropicais e ciências, tecnologia, inovação e avaliação em saúde global.

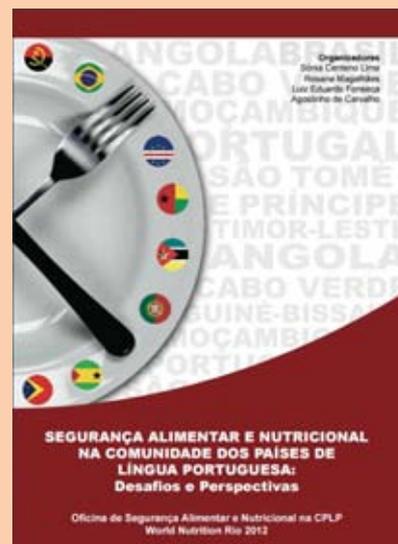
Nascidas no início do século 20, IHMT e Fiocruz estão ligadas não somente pela história e língua comum, mas também pelas linhas convergentes de atuação e pelas diversas colaborações que estabelecem desde 2008. Uma das mais importantes é o esforço comum de elaboração e execução do Plano Estratégico de Cooperação Internacional em Saúde (PECS) no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), enquanto assessores técnicos do secretariado executivo da CPLP. Além disso, as instituições também desenvolvem projetos ligados à esquistossomose, leishmaniose e doença de Chagas.

## Universidades americanas em Manguinhos

O vice-presidente do Escritório de Engajamento Global da Universidade de Chicago, Ian Solomon visitou a Fiocruz em novembro para prospectar parcerias, sobretudo nas áreas de saúde ambiental e mudanças climáticas. O intercâmbio de estudantes foi apontado como uma das possíveis ações. No início de 2016 haverá uma reunião para dar sequência ao projeto.

Em setembro, a professora dos departamentos de Saúde Global e Ambiental e Ciências da Saúde da Ocupacional da Universidade de Washington, Kristie Ebi, também esteve na Fundação com o mesmo objetivo. Como resultado da visit, está prevista a assinatura de um memorando de entendimento entre a universidade e a Escola de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz) na área de mudanças ambientais globais e saúde.

### LANÇAMENTO



## Segurança alimentar e nutricional é tema de publicação

Foi lançado em novembro, durante a 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, o livro *Segurança alimentar e nutricional na lusofonia*. A publicação é fruto do evento Segurança Alimentar e Nutricional na Lusofonia: Novos Desafios para o PECs, uma oficina prévia ao Congresso Mundial de Nutrição, realizado no Rio de Janeiro em 2012. No evento, participantes dos países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) - Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste - puderam trocar impressões sobre a questão nutricional e os artigos resultantes do trabalho foram compilados na obra. Entre os seus autores estão a pesquisadora do Departamento de Ciências Sociais da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz) Rosana Magalhães, que também foi organizadora do projeto, e Luiz Eduardo Fonseca, integrante do Centro de Relações Internacionais da Fiocruz (Cris/Fiocruz).

**Download:**  
migre.me/smsGA

Fotos: Peter Illiciev/CCS



Jim O'Neill e Sally Davies alertam autoridades, empresas farmacêuticas e produtores do setor agrícola-pecuário sobre os riscos associados ao aparecimento, à propagação e à contenção da resistência aos medicamentos

## Fundação e AMR reúnem esforços na luta contra a resistência antimicrobiana

Danielle Monteiro e Comunicação do Consulado Britânico

O presidente da Comissão de Resistência Antimicrobiana do Reino Unido (AMR), Jim O'Neill, e a conselheira chefe do governo britânico para assuntos de saúde e membro do Conselho-Executivo da Organização Mundial da Saúde (OMS), Sally Davies, reuniram-se com gestores e pesquisadores da Fundação, em outubro, para apresentar estudos sobre os problemas relacionados à resistência antimicrobiana. O objetivo da visita ao Brasil é alertar autoridades, empresas farmacêuticas e produtores do setor agrícola-pecuário sobre os riscos associados ao aparecimento, à propagação e à contenção da resistência aos medicamentos, além de conhecer o que é feito no país em termos de pesquisa e de políticas públicas para enfrentar o problema.

Durante o encontro, os participantes discutiram uma possível parceria entre a Fiocruz e a AMR para o desenvolvimento de ações em pesquisa e formação de recursos humanos que visem à redução da resistência a anti-

microbianos. "Isso implica pesquisas para a criação de ferramentas para o diagnóstico rápido de infecções por patógenos resistentes, ações de controle do uso indiscriminado do solo e vigilância de patógenos resistentes em esgoto", explicou o coordenador-adjunto de Pós-Graduação da Fiocruz e coordenador do encontro, Milton Moraes. Segundo ele, a Fundação vai organizar um grupo para discutir a interlocação com a AMR.

Também conhecido por ter criado em 2001 o termo Bric para denominar as economias emergentes formada pelos países Brasil, Rússia, Índia e China, O'Neill coordena a pesquisa encomendada pelo governo britânico para apurar o custo humano e financeiro dos riscos de infecções resistentes a medicamentos. De acordo com o primeiro relatório, publicado em dezembro de 2014, caso não sejam tomadas medidas, essas infecções, até 2050, poderão matar pelo menos 10 milhões de pessoas anualmente, ao custo de US\$ 100 trilhões. Até 2016, o especialista e sua equipe recomendarão um pacote de ações para enfrentar a ameaça crescente da re-

sistência antimicrobiana. "Acredito que o Brasil possa desempenhar um papel global de liderança ao incluir a resistência antimicrobiana como tópico relevante de discussão em reuniões do G20 e na Assembleia-Geral da ONU. Quero conhecer lideranças nacionais para entender como o país pode colaborar no desenvolvimento de novas drogas e métodos de diagnóstico", afirmou.

Sally Davies comparou o emergente tema da resistência antimicrobiana às mudanças climáticas. "Isso nos afetará antes mesmo das alterações no clima, se não fizermos algo a respeito. As infecções resistentes a medicamentos são um problema global que pedem uma solução global", comentou.

Atualmente as infecções de superbactérias, associadas a doenças como a tuberculose, matam cerca de 700 mil pessoas por ano ao redor do mundo. De acordo com as projeções do estudo de O'Neill, as mortes anuais relacionadas a casos de doenças resistentes a antibióticos poderão chegar, em 2050, a 4,7 milhões na Ásia, 4,1 milhões na África e 392 mil na América Latina.

# Milton Moraes é nomeado consultor da AMR e explica o que é a iniciativa

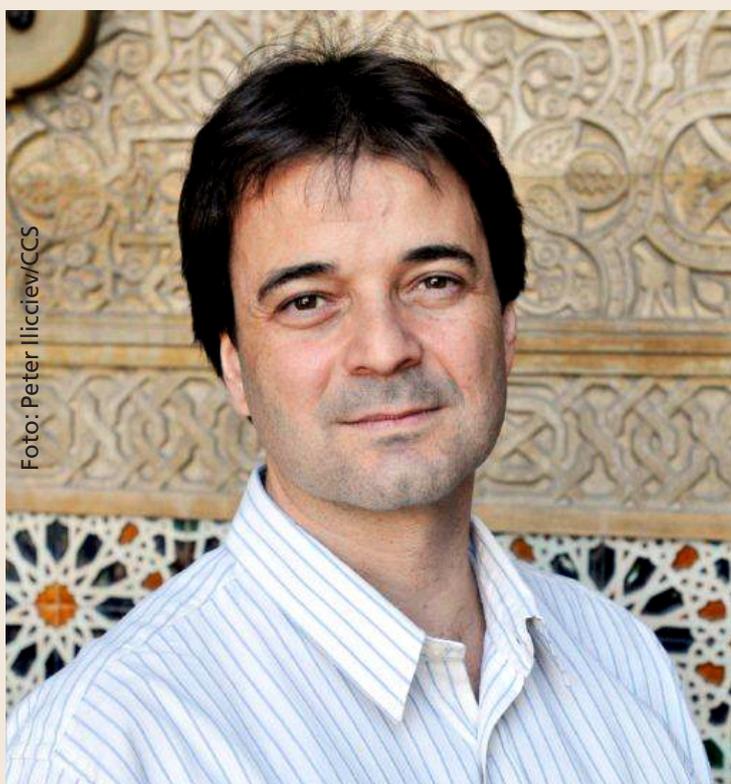


Foto: Peter Ilclev/CCS

Philippe Matta (VPEIC)

**E**m outubro, a iniciativa britânica Antimicrobial Resistance (Resistência Antimicrobiana, ou AMR na sigla em inglês) nomeou o pesquisador e coordenador adjunto da Coordenação-Geral de Pós-Graduação da Vice-Presidência de Ensino, Informação e Comunicação (VPEIC/Fiocruz), Milton Moraes, como membro do seu grupo de consultores. Em entrevista ao *Crisinforma*, o pesquisador explicou o que é a AMR, discorreu sobre os trabalhos realizados pelo grupo e o que se pode esperar, além de explicar o funcionamento de sua parceria junto à iniciativa.

## O que é a AMR?

**Milton Moraes:** A AMR é um painel independente constituído pelo primeiro ministro inglês, financiado pelo governo britânico e pela Wellcome Trust – uma fundação de caridade global independente sediada em Londres, para avaliar o problema de saúde pública emergente que é a resistência a antimicrobianos. A iniciativa tem como líder o lorde Jim O'Neill, um importante economista britânico que cunhou o termo Brics.

## Quais os principais trabalhos realizados pelo grupo?

**Moraes:** Nos primeiros documentos (ou *papers*) publicados pela AMR foram revelados dados alarmantes referentes à lacuna na produção/geração de novos antibióticos e ao número de mortes previstas para os próximos anos se não houver mudanças. A AMR propõe algumas estratégias para alavancar e dar sustentabilidade na produção e distribuição de novos antibióticos, incluindo desde

parcerias público-privadas até a formação de fundos globais para investimento contínuo em pesquisas básicas, bem como a garantia de compra por estoques regulatórios formados por consórcios internacionais.

## Como será seu trabalho no grupo consultivo?

**Moraes:** Pretendo trabalhar com o corpo de assessores da AMR, contribuindo na formulação das ações junto à iniciativa e ser um porta-voz dos projetos da Fiocruz relevantes para a iniciativa. Acredito que seja importante para eles (AMR) aprender sobre o problema a partir da perspectiva do Brasil e da Fundação – instituição que conta com um time de pesquisadores importantíssimos na área, atuando inclusive como consultores do Ministério da Saúde, bem como laboratórios que são centros de referência onde é feita a vigilância da resistência e diversas pesquisas sobre o tema.

## O que se pode esperar dos próximos trabalhos da AMR?

**Moraes:** o escopo de atuação da AMR é bem amplo. A iniciativa está debatendo desde o desenvolvimento de novas ferramentas de diagnóstico, passando pela análise de barreiras econômicas que retardam o desenvolvimento de soluções para a resistência microbiana, até o uso de antibióticos na agricultura, entre outras iniciativas.

## Qual o papel do Brasil e dos Brics na AMR?

**Moraes:** A AMR busca parceiros estratégicos e, neste contexto, os países que compõem o Brics são fundamentais para a iniciativa. E nós (Fiocruz) estamos em uma posição estratégica, inclusive pela nossa posição na América Latina. No próximo ano, será realizada a reunião do G20 na China e um dos objetivos da AMR é levar propostas para a resistência antimicrobiana para o encontro, aproveitando a influência chinesa para agregar mais parceiros ao redor do mundo.